

Sugestões para a organização do estudo dos alunos de Piano do ensino superior baseadas em sistematização da prática: um relato de experiência

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: SA5 - Performance Musical

Mauren Liebich Frey Rodrigues
Universidade Federal de Pelotas
Mauren.frey@gmail.com

Resumo. O presente texto apresenta um relato de experiência docente sobre a proposição e utilização de tabelas para a organização da prática semanal de piano, elaboradas em 2019 e utilizadas durante os 6 semestres subsequentes nas aulas de Instrumento Harmônico do curso de Licenciatura da UFPel. Como objetivo final da disciplina, é esperado do discente que apresente ao piano peças solo e em grupo, além de exercitar conhecimentos teórico-práticos desenvolvidos em outras disciplinas. Partindo do pressuposto de que é também papel do professor de piano orientar a prática do estudante (JACOBSON, 2015; BAKER-JORDAN, 2003), para auxiliar na organização da rotina dos estudantes, foi elaborada uma apostila contendo instruções objetivas a partir da literatura de referência na área das Práticas Interpretativas (LEHMANN et al. 2007; JØRGENSEN, 2004; BARRY & HALLAM, 2002) e três tabelas a serem preenchidas e utilizadas como guia da prática semanal e ao longo do semestre. A elaboração levou em consideração três fundamentos básicos: 1) Estabelecimento de metas e objetivos; 2) organização e variabilidade de assuntos (POVOAS, 2017); 3) manejo do tempo disponível. Como considerações finais, observou-se através dos relatórios entregues pelos alunos e as performances apresentadas que a sistematização da prática semanal auxilia no resultado final do proposto para o semestre letivo. A partir da experiência de utilização destas tabelas, pretende-se ampliar e aprimorar o detalhamento do material a ser disponibilizado aos estudantes, bem como expandir a reflexão teórica que fundamenta a elaboração do mesmo.

Palavras-chave. Performance - Prática – Pedagogia do Piano - Rotina

Suggestions for organizing the study of piano students in higher education based on the systematization of practice: an experience report

Abstract. This text presents a teaching experience report on the proposal and use of tables for the organization of the weekly piano practice, created in 2019 and used during the 6 subsequent semesters in the Harmonic instrument classes of the degree in music at UFPel. As the final goal of the discipline, the student is expected to present solo and group piece at the piano, in addition to exercising theoretical and practical knowledge developed in other disciplines (MONTANDON, 1995). Assuming that it is also the role of the piano teacher to guide the student's practice (JACOBSON, 2015; BAKER-JORDAN, 2003), to help organize the students' routine, a handout was prepared containing objective instructions based on the literature of reference in the area of Practice (LEHMANN et al. 2007; JØRGENSEN, 2004; BARRY & HALLAM, 2002) and three tables to be completed and used as a guide for weekly practice throughout the semestre. The elaboration took into account three basic fundamentals: 1) Establishment of goals and objective; 2) organization and variability of subjects; 3) management of available time. As final considerations, it was

observed through the student's reports and the performances presented that the systematization of the weekly practice helps in the final result of what was proposed for the semester. From the experience of using these tables, it is intended to expand and improve the detailing of the material to be made available to students, as well as to expand the theoretical thinking that underlies its elaboration.

Keywords. Performance – Practice – Piano Pedagogy – Routine

Apresentação

Praticar é a ação necessária para o desenvolvimento ou aprendizado de qualquer atividade humana. Para aprender a tocar piano a prática é essencial além de um importante fator motivacional para seguir. Contudo, praticar não é uma habilidade inata e por isso também é papel do professor orientar os alunos (JACOBSON, 2015) para que estes consigam elaborar uma rotina que atenda às expectativas individuais e institucionais em relação ao desenvolvimento pianístico. Além disso, cada indivíduo tem seu próprio estilo de aprendizado (COATS, 2006; BAKER-JORDAN, 2003) e, portanto, é necessário que cada um disponha de recursos para encontrar seus caminhos e elaborar sua própria rotina. Segundo Kleon (2013) o estabelecimento de uma rotina de prática está substancialmente conectado com a produção artística: “seja chato (é a única maneira de terminar um trabalho)” (KLEON, 2013, p.125).

A partir desta perspectiva, o presente texto apresenta um relato da experiência docente sobre a proposição de um sistema de organização do estudo semanal de piano, elaborado e utilizado a partir de 2019 com alunos do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) na disciplina Instrumento Harmônico - Piano. Esta proposta tem como principal objetivo auxiliar os estudantes na otimização do trabalho, dada a demanda de tarefas requeridas pelo Projeto Pedagógico do Curso a serem cumpridas nesta disciplina. Tendo boa aceitação por parte dos alunos com a utilização das tabelas de prática, as mesmas foram introduzidas nos 6 semestres¹ subsequentes como pré-requisito e incorporadas como tarefa para o cumprimento da disciplina.

A disciplina Instrumento Harmônico: Piano tem sua estrutura concebida de modo a oferecer ao licenciando, como requisito mínimo, uma formação básica no Piano. São, portanto, 8 semestres de encontros semanais com o professor em uma disciplina na qual se espera que o estudante tenha a oportunidade de tocar seu instrumento enquanto explora e exercita

¹ A interrupção da utilização regular se deu devido ao meu afastamento das atividades docentes regulares para a realização de Pós-Doutorado.

conhecimentos teórico-práticos desenvolvidos em outras disciplinas, principalmente as de caráter teórico. Trata-se, portanto, de trazer para o ensino superior uma estrutura bastante próxima do que Montandon (1995) defende, ou seja, uma aula de piano cujo objetivo é “desenvolver conjuntamente o conhecimento dos elementos da linguagem musical, a aplicação funcional desses elementos e a habilidade de execução no instrumento” (MONTANDON, 1995, p.69).

Porém, uma abordagem do ensino de piano por este viés, acarretou um paradoxo: tendo a performance pianística como objetivo final de um percurso institucional, como gerenciar a alta demanda de conteúdos a serem cumpridos na disciplina com uma rotina de prática pianística? Em outras palavras, ao assumir a disciplina Instrumento Harmônico enquanto professora de piano, percebi que os estudantes, além de aprender a tocar piano, precisavam aprender a gerenciar a sua prática. Lehmann et al. (2007) explica que em música frequentemente se toma por certo que os estudantes sabem como praticar satisfatoriamente, mas o registro objetivo de uma seção de estudo na sala de estudo dissipa este mito. Assim, ao invés de um trabalho bem organizado e com metas definidas, frequentemente constatamos um fazer musical ao acaso e sem rumo. De acordo com Baker-Jordan (2003), a habilidade de praticar precisa ser aprendida, para que os estudantes possam tocar efetivamente. E isto independe do nível de expertise do pianista.

A prática é entendida como um comportamento multifacetado, que tem atraído a atenção de pesquisadores e professores (LEHMANN et al, 2007). Não são poucos os trabalhos que apresentam e discorrem abundante e extensivamente sobre o assunto, principalmente em língua estrangeira. Autores de referência na área da Pedagogia do Piano tais como Baker-Jordan (2003), Jacobson (2015) e Darling (2005) reservam partes importantes dos seus trabalhos tecendo instruções sobre como auxiliar não somente alunos a estudarem melhor e a dar conta das suas demandas, mas professores de piano a orientarem e motivarem seus alunos neste sentido. Já no campo da psicologia da música Barry & Hallam (2002) e Jørgensen (2004), por exemplo, reservam capítulos especificamente para tratar de questões inerentes à prática instrumental. Klickstein (2009) vai além do texto, e disponibiliza gratuitamente para download diversas e diferentes tabelas e materiais para auxiliar a rotina de prática a partir do seu pressuposto teórico.

No Brasil, podemos apontar os trabalhos de Póvoas (2017) que elaborou o conceito de Rodízio, definido como “um método de operacionalização do treinamento em sessões de prática

distribuída, aplicado na preparação de repertório [...] por meio da organização prévia dos conteúdos técnico-musicais, trabalhados em sessões de prática distribuída de 20 a 30 minutos cada” (POVOAS, 2015, p.5).

Assim, para a realidade de um curso cuja alta demanda de tarefas semanais muitas vezes consome a rotina dos estudantes, solicitar a leitura de uma bibliografia ampla e aprofundada sobre a própria prática, poderia ser ainda mais contraproducente. Por isso, para otimizar a prática, a partir da compilação de textos que versam sobre a organização do tempo de prática do instrumento, piano para este contexto, elaborei uma apostila com tabelas em branco para serem utilizadas como roteiro de estudo e preenchido pelos alunos de piano durante sua prática semanal. A proposta é que que servissem como um tipo de “agenda” que a ser preenchida pelos alunos de modo simplificado.

Utilizei esta proposta desde 2019, e tanto pelos relatos dos alunos entregues ao final do semestre, quanto pelas provas e recitais de piano apresentados como parte do processo, pude observar o quanto foi profícua. Apresento a seguir as tabelas elaboradas e entregues para os alunos, bem como uma breve descrição dos princípios que regeram a elaboração das mesmas.

Caminhos Metodológicos

No início de cada semestre² a partir de 2019/2, os estudantes receberam o cronograma das atividades e instruções sobre as avaliações semestrais previstas para o semestre corrente. Receberam também as tabelas elaboradas com as especificações de todas estas tarefas para conduzir o trabalho. Ademais, os estudantes receberam o texto de Póvoas (2017), uma das referências utilizadas para a elaboração das tabelas.

Pesquisas mostram que alunos iniciantes progridem mais e ficam mais motivados quando estudam com supervisão (BARRY & HALLAM, 2002). A este conjunto de materiais (cronograma, tabelas e texto) foi atribuído o nome Caderno de Casa. Sabendo-se que é com a prática individual que o estudante dispense a maior parte do seu tempo e dos seus esforços no processo de aprendizagem de um instrumento (JØRGENSEN, 2004), a solicitação foi de que este material acompanhasse a prática individual dos estudantes, fora das aulas. Que servisse principalmente em duas frentes, sendo a primeira como estratégia para balizar a distribuição do tempo investido em cada tarefa e a segunda, em identificar e isolar pontos de complexidade que demandassem maior atenção e energia durante a prática.

² Que de acordo com o calendário acadêmico da UFPel está organizado em 18 semanas letivas.

Semanalmente os estudantes foram solicitados a entregar o relatório escrito (tabela) a respeito de como havia sido a sua rotina de prática. Durante o encontro semanal com a professora, eram instigados a refletir brevemente sobre a compatibilidade do resultado musical apresentado em aula com o que havia sido registrado na tabela.

Como exercício de escrita, ao final do semestre os alunos deveriam elaborar e entregar um texto que apresentasse suas impressões sobre o trabalho de Póvoas (2017), e explicar, através de uma redação, de que maneira o hábito de estudar por sessões curtas e contrastantes, alternando-se entre si e com pausas deliberadas e planejadas interferiu, ou não, no seu próprio desempenho. Este texto constituía um tipo de autoavaliação do processo e foi considerado na atribuição do conceito final da disciplina.

Este tipo de planejamento é utilizado por mim enquanto professora de piano desde 2019. Os registros de texto, as tabelas e os vídeos das performances ao final dos 6 semestres em que foi utilizado este sistema de prática pelos alunos, seja em formato presencial ou remoto, mostram-se como uma profícua fonte de dados, fundamentando e dando consistência ao presente relato de experiência.

Organização do Material

Foram elaboradas três tabelas levando-se em consideração três fundamentos básicos: 1) Estabelecimento de metas e objetivos (LEHMANN et al, 2007); 2) organização e variabilidade de assuntos (PÓVOAS, 2017); 3) manejo do tempo disponível (BARRY & HALLAM, 2002). A referida literatura de base aponta ainda para a necessidade de avaliação da prática, contudo, para a presente prática pedagógica no campo da performance musical iremos nos ater à apresentação do estabelecimento dos parâmetros de organização da prática propostos.

Dada a abrangência do Projeto Pedagógico do curso e a heterogeneidade dos níveis de expertise característica dos estudantes dos cursos de Licenciatura em Música, o primeiro aspecto diz respeito ao estabelecimento das metas individuais. Lehmann et. al (2007) explicam que praticar está para além de aprender um novo repertório. Trata-se, portanto, de um processo de adaptações físicas e mentais para a construção de novas habilidades em que o repertório estaria como proposto por Montandon (1995) “não como núcleo, mas como mais uma entre as atividades a serem desenvolvidas” (p.68).

Portanto, constituiu-se a primeira tabela apresentada a seguir:

Figura 1 - Tabela para o estabelecimento do repertório a ser trabalhado no semestre letivo

Meu Repertório

() Semestral () Anual

Piano Solo – Obras escritas	
1)	
2)	
3)	
4)	
Arranjos	Formação Instrumental
1)	
2)	
Coletivas	Formação Instrumental
1)	
2)	

Fonte: elaborado pelo autor (2019)

A Figura 1 mostra a tabela na qual todo o repertório que o estudante fosse trabalhar e apresentar no semestre deveria ser listado. Devido a limitação do tempo disponível para a realização das tarefas musicais do semestre, a orientação era de que entrassem na lista somente aquelas obras que haveriam de ser apresentadas como performance, seja em recital, banca, sarau ou quaisquer que fossem mais as oportunidades estabelecidas.

Por determinação do Projeto Pedagógico, os estudantes deveriam escolher, juntamente com a professora, 4 peças solo. Para a organização da disciplina, solicitou-se dos alunos que para estas 4 obras a fonte de prática fosse o texto musical escrito. Um dos objetivos desta exigência era o desenvolvimento da leitura musical em duas claves, por exemplo. Além disso, deveriam ser contrastantes entre si, sendo no mínimo uma delas de compositor brasileiro e outra, envolvendo preferencialmente linguagem contrapontística.

Nos outros campos deveriam ser escolhidos no mínimo 1 arranjo para piano solo ou em que o piano atuasse como acompanhador de um instrumento melódico ou voz, elaborado pelo próprio estudante. Para esta obra, o ponto de partida deveria ser a melodia cifrada, ou

apenas a gravação. Deste modo, o estudante poderia exercitar a habilidade de tirar uma música de ouvido, aplicar padrões de acompanhamento, entre outras. E por fim, todos os estudantes realizariam no mínimo 1 peça coletiva de livre escolha para qualquer formação instrumental. Neste caso, o arranjo já deveria ser escrito previamente, o que possibilitaria a prática da leitura de partitura e preparação da performance coletiva a partir do texto musical. Por uma questão de organização e otimização do tempo das aulas, esta obra normalmente era a mesma para todos os estudantes, escolhida e apresentada em comum acordo entre os matriculados em uma mesma turma.

Durante semestres realizados remotamente, devido ao isolamento social imposto pela pandemia, este último item foi realizado através de montagem de vídeos com peças de piano a quatro mãos em que cada estudante gravava a sua parte, e juntavam com o vídeo.

Estabelecidas as metas individuais, os estudantes foram encorajados a olhar para suas próprias peças de maneira mais “analítica” como proposto por Póvoas (2017) e dividir em sessões menores de prática. Para esta etapa do trabalho, adotamos a nomenclatura estabelecida pela autora. Ou seja, “unidades de estudo (UTrs) proporcionais e delimitadas pelo nível de complexidade, quantidade de material e pela estrutura.” (POVOAS, 2017, p.6), organizadas em uma tabela denominada Planilha de Treinamento (PTr), como segue.

Figura 2 - Tabela para Distribuição das obras em unidades menores

RODÍZIO

Planilha de Treinamento (PT_r): Organização do Repertório em Unidades de Treinamento (UT_r)

OBRA	Unidades de Treinamento (UT _r)

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Nesta planilha, os estudantes deveriam descrever em quantas seções cada uma das obras foi separada, e anotar quais os compassos correspondentes à essa divisão, atribuindo a cada uma delas um nome como A, B, C, etc.

Na página da apostila entregue aos alunos há espaço para incluir todo o repertório requerido para cumprir os requisitos da disciplina: as quatro peças solo do semestre, um arranjo e uma peça coletiva. Tendo a meta do semestre estabelecida, o passo seguinte foi pensar em como distribuir a prática deste repertório ao longo das 18 semanas, e o que fazer em cada sessão de estudo para que o repertório pudesse ser executado satisfatoriamente bem como novas habilidades pudessem ser aprendidas através da prática do repertório.

Assim, a terceira e última tabela foi organizada a fim de ser reproduzida por tantas vezes quantas fossem necessárias, correspondendo ao número de semanas que o estudante fosse praticar. Idealmente, mesmo sabendo que atividades extramusicais cotidianas interferem na organização do tempo de estudo, esperava-se que em um semestre de 18 semanas, os estudantes tivessem 18 relatórios semanais de prática.

Figura 3 - Tabela para organização do estudo semanal

SEMANA:

Prioridade da semana: _____

Data	Dia da Semana	Repertório Estudado	Duração do Estudo

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Trata-se, portanto, do que Kleon (2013) descreve como parte fundamental não só da prática, mas também do processo criativo, ou seja, uma agenda, um calendário. O autor explica que

um calendário ajuda a planejar o trabalho, da objetivos concretos e o mantém consciente do percurso. [...] você divide seu trabalho em sessões diárias. Todo dia ao terminar o trabalho, marque um X grande e gordo no espaço daquele dia. Todo dia, ao invés de apenas fazer o seu trabalho, pense em só preencher aquele espaço. “Depois de alguns dias, você terá uma corrente”, diz Seinfeld. “É só seguir isso e a corrente

vai crescer cada vez mais todo dia. Você vai gostar de ver essa corrente, principalmente quando estiver mais experiente, com a bagagem de algumas semanas. Seu único trabalho é não quebrar a corrente.” (KLEON, 2013, p.136)

Nesta fala do autor, podemos observar também que a persistência e continuidade do trabalho são capazes de motivar o estudante a continuar. Assim como Kleon (2013), outros autores como Jacobson (2015) e Barry & Hallam (2002) estabelecem uma relação direta entre a motivação e a continuidade ao explicar que quanto maior o progresso, maior a satisfação em praticar ainda mais. Nesta direção Klickstein (2009) explica ainda que durante o processo de absorção do repertório e polimento das habilidades, o indivíduo torna-se um artista melhor, constrói paciência, elegância, clareza e equilíbrio. Ascende em direção a um progresso artístico sem fim.

Para o preenchimento da terceira tabela (ou agenda de estudo) enquanto prática, os estudantes foram encorajados a semanalmente estabelecer a prioridade, que pode ser tanto uma UTr, ou alguma habilidade funcional específica e deve ser anotada no topo. Apesar de parecer uma ação simples, Allen (2015) ao apresentar orientações sobre organização de rotina e efetividade para a realização de tarefas no meio corporativo, explica que “o verdadeiro problema é a falta de definição sobre o que o projeto representa e quais são as ações necessárias” (ALLEN, 2015, p37). Em outras palavras, inclusive em outros campos da vida humana, tem-se afirmado que a maior porção de esforço necessário para a realização das atividades está em decidir o que fazer.

Tendo a prioridade estabelecida, o estudante precisa estabelecer a meta de tempo diário total disponível para a prática, que não precisa acontecer em uma única sessão de estudo. Em relação à distribuição do tempo de prática Barry e Hallam (2002) explicam que uma prática distribuída ao longo do tempo é geralmente mais eficiente para o aprendizado e performance do que uma prática concentrada. Ou seja, é mais interessante que o estudante organize sua rotina de modo a estabelecer seções de prática relativamente curtas, que são geralmente mais efetivas do que as muito longas. Lehmann et al. (2007) reforça que por envolver habilidades motoras, a quantidade de tempo de prática é significativa, visto que não é possível apenas aumentar o número de horas diárias de prática, porque um esforço mental é necessário para praticar efetivamente e a capacidade humana de atenção é limitada.

Como orientação prática, Póvoas (2017) explica que as “sessões de prática [são] distribuídas de 20 a 30 minutos cada, alternando o repertório previamente analisado e seccionado em unidades de trabalho, de acordo com critérios como: análise das estruturas, sua

densidade, repetições idênticas e semelhantes com foco no estudo objetivo” (POVOAS, 2015, p.6). Cada seção de prática deve ser planejada de modo a abordar pelo menos uma UTr de cada obra, de modo que haja variabilidade de assuntos durante a prática tornando o resultado mais eficiente ao invés de repetir sempre da mesma maneira, ou de somente tocar a obra do início ao final (JØRGENSEN, 2002).

Como senso comum entende-se que basta repetir muitas vezes a mesma coisa, contudo isso acarreta um desgaste físico sem que o objetivo da performance seja satisfatoriamente atingido. Contudo, ao organizar sua prática utilizando as três tabelas, se o estudante dispõe de 2 horas ao longo do dia, sugere-se que ele se organize para fazer intervalos de 10 a 15 minutos entre cada sessão, ou divida o tempo total em sessões mais curtas em turnos diferentes. É interessante observar que a tabela de estudo semanal apresenta propositadamente apenas 6 linhas. Isto porque, além dos intervalos entre sessões de estudo em um mesmo dia, já está previsto que um dos dias da semana, a ser escolhido pelo estudante, deve ser de pausa e descanso da atividade pianística.

Considerações Finais

O relato final apresentado pelos alunos nos semestres em que foram utilizadas as tabelas para organização do estudo, confirmam o disposto por Jacobson (2015) de que a melhor maneira de aferir a eficiência da prática é através da possibilidade de mostrar e descrever consistentemente o processo, ao invés de ‘somente’ tocar a música do início ao fim. Assim, tanto os relatórios entregues no final dos semestres quanto as performances que culminaram do sistema de prática confirmaram a necessidade de que as tarefas praticadas pelos estudantes fora da sala de aula sejam específicas e sistemáticas. Ou seja, ao invés de oferecer instruções indicativas de quais peças devem ser estudadas, por exemplo, o professor é o responsável por segmentar as obras musicais em trechos, definindo pequenos desafios a serem vencidos, a fim de determinar etapas progressivas.

Ao fornecer um cronograma e um guia de prática organizado e prescritivo, porém não restritivo, que auxilia o professor no reconhecimento dos desafios enfrentados pelos estudantes e elaboração das sugestões de novas rotinas, possibilitou para continuar engajado no seu processo de descobertas musicais.

Ao final do processo de um semestre, mesmo aqueles alunos que não cumpriram rigorosamente as sugestões de organização da prática, mostraram avanços. Entendo que isto se

dá porque a literatura aponta que o simples fato de refletir, por pouco que seja, sobre o que se está fazendo, ao invés de somente repetir aleatoriamente trechos musicais, torna a tarefa mais consciente e efetiva.

Observou-se que o rendimento dos alunos de piano se mostrou satisfatório, o que pode ser verificado nas provas práticas e recitais dos alunos no final do semestre. Apesar de ser um tempo bastante curto para que sejam desenvolvidas tantas novas habilidades musicais no instrumento, com a organização da prática este período é exponencialmente expandido e otimizado.

A partir da experiência prática de utilização das tabelas, pretende-se aprofundar a discussão teórica que fundamenta sua elaboração, bem como expandir as investigações a respeito da contínua utilização a longo prazo destes materiais no ensino superior, cujos currículos são preestabelecidos e o tempo para realização das tarefas se impõe como restrito.

Referências

ALLEN, David. *A Arte de Fazer Acontecer*. Trad. Afonso Celso da Cunha. Rio de Janeiro: Sextante, 2015. 352 p.

BAKER-JORDAN, Martha. *Practical Piano Pedagogy: The Definitive Text for Piano Teacher and Pedagogy Students*. Warner Bros Publications, 2003

BARRY & HALLAM. Practice. In: PARNCUTT, R.; McPHERSON, G. *The Science and Psychology of Music Performance: creative strategies for teaching and learning*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

BROWN, Peter C., ROEDIGER III, Henry L., MCDANIEL, Mark A. *Make It Stick: The Science of Successful Learning*. Cambridge, MA: The Belknap Press of Harvard University Press, 2014.

COATS, Sylvia. *Thinking as You Play: Teaching Piano in Individual and Group Lessons*. Bloomington: Indiana University Press, 2006.

CRAPPELL, Courtney. *Teaching Piano Pedagogy: A Guidebook for training Effective Teachers*. New York: Oxford University Press, 2019

DARLING, Edward (ed.). *A Piano Teacher's Legacy: Selected Writings by Richard Chronister*. Kingston, N.J.: Frances Clark Center for Keyboard Pedagogy, 2005.

JACOBSON, Jeanine Mae, and E. L. Lancaster. *Professional Piano Teaching: A Comprehensive Piano Pedagogy Textbook for Teaching Elementary-Level Students*. 2 Volume: Intermediate-Advanced Levels. Los Angeles: Alfred Pub. Co, 2015.

JØRGENSEN, Harald. *Strategies for Individual Practice*. In: WILLIAMON, Aaron. *Musical excellence: strategies and techniques to enhance performance*. Oxford: Oxford University Press, 2004

KLEON, Austin. *Roube com um Artista: 10 dicas sobre criatividade*. Ed. Rocco, 2013

KLICKSTEIN, Gerald. *The Musician's Way: A guide to practice, performance, and wellness*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

LEHMANN, Andreas C.; SLOBODA, John A.; WOODY, Robert H.. *Psychology for Musicians: Understanding and Acquiring the skills*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

MONTANDON, Maria Isabel. Aula de piano ou aula de música? O que podemos entender por “ensino de música através do piano”. *Em Pauta*, v 11, p 67-79, Porto Alegre. 1995.

PÓVOAS, Maria Bernardete Castelan. Desempenho pianístico e organização do estudo através do Rodízio: um sistema de treinamento baseado na distribuição e variabilidade da prática. *Opus*, [s.l.], v. 23, n. 1, p.187-204, 30 abr. 2017.